



A ponte sobre o Córrego Jaboticabal foi erguida com verbas públicas e o dinheiro de uma empresária que aceitou pagar impostos adiantados

# Ambiente saudável

Fotos Fernando Barbi

## *Jaboticabal apostou no desenvolvimento sustentável, investiu em saneamento e, agora, gera empregos com o empreendedorismo*

Como milhares de moradores de Jaboticabal, no interior paulista, a empresária Rosane Cardoso Morano sofria com as enchentes no Córrego Jaboticabal, que corta a cidade. “Era só chover um pouco mais, que a gente corria para colocar as portas na entrada do prédio”, lembra. “Ficávamos assustados vendo a água subir.” Rosane, de 42 anos, em diversas ocasiões perdeu móveis e documentos, encharcados pela lama. Uma ideia inovadora da prefeitura ajudou a solucionar o problema. A Câmara Municipal aprovou um projeto do Executivo permitindo o recebimento antecipado de impostos de empresas. A empresa de

Rosane – a Interenge, uma fábrica de equipamentos eletrônicos para a indústria metalúrgica, com 80 empregados – está entre as que aceitaram pagar adiantado o Imposto Sobre Serviços de um ano inteiro. O dinheiro foi aplicado na construção de uma ponte sobre o córrego – parte de um conjunto de obras que incluiu o alargamento do leito e a construção de piscinões. A ponte custou R\$ 350 mil, divididos entre a Interenge, a prefeitura e o governo estadual. “Pagar imposto dói menos quando a gente vê como é usado”, diz Rosane.

Encravada numa próspera região produtora de cana-de-açúcar, Jaboticabal é uma cidade de porte médio, com

desafios peculiares. Não sofreu um inchaço populacional a ponto de ganhar favelas, mas a ocupação do solo urbano sem planejamento gerou problemas ambientais, como as enchentes. Seus moradores amargam a oferta escassa de empregos. Ao longo da década de 90, os empregos formais ficaram estacionados na casa dos 13 mil postos de trabalho, enquanto a população cresceu 15%. E o município dispõe de mão-de-obra qualificada de sobra, pois abriga uma unidade da Universidade Estadual Paulista (Unesp). A administração da prefeita Maria Carlota Niero Rocha, uma professora que se destacou como liderança sindical, deu for-

ma ao conceito de desenvolvimento sustentável – a busca da criação de empregos e riqueza preservando o meio ambiente e a qualidade de vida.

As obras de saneamento são o aspecto mais notável dessa estratégia. Além do alargamento de córregos, o município investiu na construção de uma usina de tratamento de esgotos. Não houve mágica. As obras se viabilizaram graças ao Fundo Especial de Investimento, oriundo de uma taxa de 15% sobre a conta de água. “Se eu posso dar um conselho ao futuro prefeito, é o de aceitar desafios e sempre buscar o equilíbrio entre receita e despesa”, ensina Carlota, que cumpre seu segundo mandato e deixará a prefeitura em janeiro. “Saneamento não é só esgoto”, diz o secretário de Obras de Jaboticabal, Wilson Luiz Italiano. “Trata-se de um conjunto de fatores que passa por água, esgoto, drenagem urbana para evitar enchentes, coleta e reciclagem de lixo e educação ambiental.”

**A**vanço social – Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Jaboticabal saltou do 155º lugar no ranking de municípios com maior Índice de Desenvolvimento Humano, em 1991, para o 87º lugar na pesquisa mais recente, em 2000. Para chegar a esses resultados, a prefeitura investiu em educação: em 1991 o Censo indicava que 7 mil pessoas tinham pouca ou nenhuma escolarização. Já em 2000 esse número caiu para 4.900. Há motivos para acreditar que a cidade subirá mais no próximo ranking. É que houve uma notável queda na mortalidade infantil nos últimos dois anos. Hoje a taxa é de 7 em cada mil crianças nascidas vivas, contra 17,48 por mil em 1992. A melhora foi obtida graças a um programa de assistência pré-natal que ampliou o acesso a exames, principalmente ultra-sonografias.

O problema do desemprego está sendo combatido com um forte estí-

mulo ao empreendedorismo. A cidade, que conta com um campus da Unesp dedicado a estudos agrônômicos e biológicos, tem uma vocação natural para abrigar empresas nessas áreas. Por isso, a prefeitura patrocinou a criação de uma incubadora de empresas, em parceria com o Sebrae. “Com apenas 14 empresas em 2003, obtivemos um faturamento anual de R\$ 7,6 milhões, o maior de todas as incubadoras do país”, diz o diretor do projeto, Marcelo Barreto, engenheiro agrônomo formado pela Unesp. As empresas incubadas geram mais de 300 empregos diretos.

Uma das empresas incubadas é a Oikos, do engenheiro agrônomo Rodrigo Borsari, especializada em planeja-

mento e execução de projetos de manejo ambiental para usinas hidrelétricas. Borsari, que nasceu em Jaboticabal, fez curso técnico em agricultura e depois frequentou a escola de engenharia agrônômica da Unesp, é um exemplo de sucesso na integração entre a iniciativa privada e a produção científica da universidade. “Coletamos amostras de água dos rios e levamos para o laboratório da Unesp analisar”, diz. O apoio da incubadora, segundo Borsari, vem sendo fundamental para consolidar seu negócio. “É importante porque posso me concentrar melhor em minhas tarefas. Faço de tudo aqui, desde vendas até a administração, passando pelas visitas em campo e pela coleta de material.” A prefeitura não abriu mão de atrelar o projeto a objetivos sociais. Além de abrigar empresas com serviços sofisticados, a incubadora incorporou iniciativas como a Copanja, um caso bem-sucedido de economia solidária, especializada na distribuição de panfletos. Neste ano, a empresa foi encarregada de distribuir mais de 20 mil carnês de IPTU para a prefeitura. “Nesse caso, nós contratamos mais pessoas para dar conta do serviço”, explica uma das sócias da empresa, Nara Félix Ferreira, de 25 anos.

*Fernando Barbi, de Jaboticabal*



## Pré-natal rigoroso

**Maria do Rocio Monteiro**, de 30 anos, espera sua consulta no Centro Integrado de Atendimento à Família (Ciaf). Ela está grávida de seu segundo filho. Trabalhando como operária numa fábrica da região, é uma das gestantes que se beneficiam do programa que colocou Jaboticabal no mapa de municípios com mortalidade infantil de Primeiro Mundo. Tratada pelo ginecologista Luiz Alberto Martins, Maria se sente mais confiante nesta segunda gestação. “A minha pri-

meira filha foi há 12 anos e, na época, eu tinha de ir até Ribeirão Preto para fazer o ultra-som”, diz. Ela agora faz os exames no posto de saúde de Jaboticabal e já sabe até o sexo do bebê – um menino. Após a consulta, o médico Martins explica que “Maria fará tantos exames quanto forem necessários para que o bebê nasça bem”.

